

2008

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

CEM ANOS DE GRATIDÃO

ANTÓNIO NOBRE

Vera Vouga

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS

SÉRIE DE

«LÍNGUAS E LITERATURAS»

Anexo XIII

Propriedade – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Organizador – Francisco Topa

Tiragem – 150 exemplares

Capa: António Nobre junto da Estátua da Liberdade, 1897 – Biblioteca Pública Municipal do Porto, MA-António Nobre-III-3(a)-15

Execução Gráfica – – Tipografia Nunes, Lda- Maia; Setembro de 2008

TÁBUA

7 <i>Do vero verso ao rosto vero</i>
11 Três Cartas a António Nobre
13 Na véspera de não partir nunca
19 À esquina do Planeta
25 Bohemia Nossa
65 Três Cartas de António Nobre a Alberto de Oliveira
105 Le contrepoint d'un nom qui s'achève en poème
115 Les intimes contraires
159 Os versos radicais: génese do soneto «Ao Alberto»
217 Respiração dos animais de grande porte
233 Com que mãos
265 O projecto de edição crítica de <i>Primeiros Versos</i> : Problemas e perspectivas

DO VERSO AO ROSTO VERSO

Em circunstâncias agora idealmente inversas, a presente introdução seria dispensável ou poderia ter outra natureza. Tratando-se contudo de um volume que não obedece totalmente a um plano traçado pela autora, impõe-se que o editor o explicite e se justifique.

Há sete anos, no rescaldo das comemorações do centenário da morte do autor do *Só, Vera Vouga* reuniu um conjunto de textos que sobre o poeta fora escrevendo e propôs a uma editora a sua publicação num livro intitulado *António Nobre: Cem Anos de Gratidão*. A obra abriria com «Três Cartas a António Nobre» («Na véspera de não partir nunca», «À esquina do Planeta», e «Bohemia Nossa»), as quais se seguiriam seis artigos: «Três Cartas de António Nobre a Alberto de Oliveira», «Contraponto de um nome que se torna poema (Frequena bússola para marinheiros de primeira viagem)», «As fundas pulsações», e «Os versos radicais», «Respiração dos animais de grande porte» e «Elementos para uma casa absoluta». No entanto, o projecto – de que a autora me deu conhecimento, embora sem grandes detalhes – acabaria por se malograr, ficando remetido para um espaço quase limbo.

Em Agosto do ano corrente, apreensivo com o sofrimento por que Vera Vouga passava e ansioso por tentar reacender o ânimo a que nos habituara, ocorreu-me poder cumprir o seu desígnio, coligindo, em volume, numa edição modesta mas ternamente cuidada, o muito que a ilustre Professora dedicara a António Nobre. Mas graças ao empenho que pus no trabalho, a autora viria a falecer sem ver o livro pronto,

se bem que tivesse sido consultada sobre ele e tivesse aprovado o plano nas suas linhas gerais.

Teria sido possível retomar – com uma única modificação, resultante de uma impossibilidade que de seguida esclarecerei – o esboço preparado em 2001. Entendi, porém, que as circunstâncias legitimavam algumas outras adaptações.

Em vista disso, foram mantidos e dispostos na ordem estabelecida pela ensaísta todos os capítulos do *dossier* original, exceptuando o último – «Elementos para uma casa absoluta» –, que, na Tabua primeira, já surgia com a informação («está a ser escrito»). Involuntária, esta supressão apenas se deveu ao facto de o texto não ter sido encontrado, sendo até possível que Vera Vouga o não chegasse a concluir.

A segunda alteração prende-se com os dois artigos originalmente publicados em Francês – «Le contrepoint d'un nom qui s'achève en poème» e «Les intimes contraires» –, sobre os quais a autora deixara a indicação «Para traduzir», apresentando mesmo na Tabua o respectivo título em Português. Conquanto não fosse impossível cumprir tal instrução, a verdade é que isso não só encareceria como atrasaria o volume e, conforme ficou implícito, este *António Nobre: Cem Anos de Gratidão* foi preparado com o tempo a urgir. Por outro lado – e isto foi particularmente decisivo –, estou certo de que a tradução, não podendo passar pelo fino tamis da autora, ficaria muito longe da sua vontade. Acabei, assim, por manter os artigos na língua em que foram escritos, o que é perfeitamente cabível numa edição universitária. Talvez a generalidade dos actuais estudantes sinta dificuldade com a leitura em Francês; mas ninguém poderá compreender a fundo a poesia de Nobre sem dominar a língua de Verlaine.

A terceira diferença deste livro, face ao esboço de 2001, reside no acréscimo dos dois últimos capítulos. «Com que mãos» é o prefácio à edição fac-similiada de *Bohemia Nova e Os Insubmissos* que Vera

Vouga publicou em 1999. Não se tratando de um texto exclusivamente consagrado à obra de António Nobre, poderia não ser incluído nesta antologia. Em todo o caso, julguei que se tratava de um estudo importante para a compreensão da figura e da obra do futuro autor de *Só e interpretei* como circunstancial a sua exclusão do plano de 2001: tendo vindo a lume dois anos antes, a Professora terá entendido que a sua republicação não se justificaria naquela altura. Pelo que toca ao capítulo final, trata-se de uma comunicação feita em conjunto com o autor destas linhas, tendo sido apresentada em 2000, num colóquio comemorativo do centenário da morte de Nobre. Incidindo num projecto que Vera Vouga desenvolvia – a edição crítico-genética de *Primeiros Versos* –, afirmou-se-me de todo pertinente a sua publicação. Mais uma vez, creio que terá sido deliberada a sua não inserção no traçado original: em 2001, previa-se que as actas do colóquio em causa saíssem em breve, o que acabaria por não acontecer.

Feito o esclarecimento, termina aqui o papel do organizador do volume. Todavia, não posso retirar-me imediatamente de cena, como seria vontade minha, dado que – cumprindo (alías com a máxima alegria) um desejo da autora – ainda me cabe acrescentar algumas palavras.

A primeira observação diz respeito à novidade que o volume representa, apesar de nenhum dos textos ser completamente inédito. (Re)lendo agora cada um deles, percebemos que são partes de um todo, etapas diferentes de um longo esforço de compreensão que visa o salto – para a frente ou para cima: salto a pés juntos no grande oceano da criação poética onde, face à falibilidade de outros sistemas, se descobre aquilo que um dia Barthes considerou a única garantia da modernidade, a moralidade da forma; salto para cima, que subita e mansamente nos eleva para um lugar mais alto, de onde é possível ver melhor a terra. Esta é uma percepção segunda. Não se procura. Acontece a qualquer adulto bem adulto que releia Nobre,

sem prejuízo de valor de outros juízos que possa ou não atribuir-lhe. acontece na globalidade da obra, mais especificamente em poemas inquestionavelmente magníficos onde, no dia em que estamos preparados para o pequeno salto, percebemos que, quer queiramos, quer não, saliamos, sem qualquer aviso, para uma imensa e indefinível cama elástica de onde o olhar sobre tudo o resto é, evidentemente, para baixo, e de onde nunca mais voltaremos a sair.

Percurso de uma vida, este caminho, que se percebe não ter sido fácil, foi feito ao contrário, do verso para o verso, de modo a evitar o *peso da carga superflua*. Foi por isso que Vera Vouga pôde dizer que conseguiu *com deslumbramento inenarrável ver acontecer o poema, a luz por dentro*. E será também por isso que este *Antônio Nobre: Cem Anos de Gratidão*, resplendorosamente distante das formas correntes de ensaísmo, se imporá como um marco na bibliografia sobre o poeta do século. Não é certo porém que todos os leitores estejam preparados para uma abordagem que resulta numa espécie de revelação e que junta a um irrepreensível rigor uma intensa *chuva de amor*: da interpretação para com o texto e o autor que estuda, mas também da interpretação para com o leitor, numa espécie de urgência quase infantil em partilhar o prazer da descoberta. Este é, aliás, outro aspecto em que o livro e a sua autora se distinguem: a capacidade – alegre e discretamente didática – de partilha com o leitor, dando-lhe a ilusão de que também ele consegue, sozinho, passar *do carvão ao cristal, por fim à chama*, correndo o caminho que vai do verso ao verso, um e outro Nobres, um e outro Veros.

Por tudo o que expus, não será difícil concluir que estamos perante um conjunto de estudos verdadeiramente modelares que, alicerçados numa metodologia assaz rigorosa e, ainda hoje, profundamente inovadora, nos oferecem, na sua diversidade, um retrato muitíssimo sólido da figura e da obra de António Nobre. Isso será talvez mais notório nos minuciosos trabalhos de crítica genética, «Les intimes

F. T.

Porto, 30 de Setembro de 2008

«Os versos radicais»; mas pode ser também observado na última interpretativa e na delicadeza com que Vera Vouga analisa as «Três Cartas de António Nobre a Alberto de Oliveira», mostrando que a última delas «é um texto de paixão. Ingênuo e fragmentário, galga todos os diques que para si o A. traçou e nós mesmos lhe fomos traçando». De uma outra maneira, comprovam-no também as abordagens de conjunto presentes em «Le contrepoint d'un nom qui s'achève en poème» e «Respiração dos animais de grande porte» ou a indispensável explicação prévia contida nas «Três Cartas a António Nobre»: *O que venho trazer é gratuito. Não falo do agradecimento preciso, limitado, reversível na sua reciprocidade exigua de favor trocado. O sentimento de que falo é outro. Na horizontal desdobra, limitadamente, a entressonhada projecção do vértice. Cada parte reflecte a outra parte gêmea, em cada uma ecoam as outras do cosmos.*

Que me desculpem os leitores que já sabiam tudo de António Nobre. – sem qualquer ponta de ironia, esta podia ser a frase de abertura do livro. *Mais il est des êtres d'exception qu'un simple nom, reçu lors du baptême, parait vouer à une certaine destinée.* – será esta, aplicada a Vera Vouga, a frase com que termino esta nota de apresentação.*

TRÊS CARTAS A ANTÔNIO NOBRE

* Publicado, sob o título de «Carta a Antonio», em *Anno – Revista Semestral de Cultura*, n.º 7, Amaranje, Primavera de 2000, pp. 156-160.

António,

Há tantíssimo tempo que lhe devo certas explicações. Algumas, não creio seja ainda altura de escrevê-las – o futuro dirá se o que hoje se afigura incumprimento acabará por ser cumprido, com o crescimento certo que cada passo do caminho necessariamente acrescenta. Mas, para que não fique tão imponderada a elipse, lembrarei o que parece uma singela oposição polar, quer seja ou não acompanhada do valor acrescentado da genialidade: há os que são eternamente filhos, podendo deixar *arrefecer os ovos e a costeleta*, para afinal *tr-se-lhe o appetite embora* e não comer. A alguns desses foi realmente concedido o gênio e a necessidade de transfundi-lo em forma tátil; e claro que

Porto, Segunda-feira, 28.VIII.2000
Na véspera de não partir nunca

NA VÉSPERA DE NÃO PARTIR NUNCA.

tem de haver as mães. Porque trazem ao colo o mundo, elas sabem que comer garante a vida. Que é preciso comer para ser regaço. E o seu colo é sempre partilhado. Muitos filhos, às vezes, o disputam. Os génios, às vezes, solicitam-no, como o vaso seguro onde o mais atento e rigoroso afecto ajuda a decantar as partículas de luz. E, afinal, pequena serventia. Julgo que aos génios serve para afeirir melhor a mão universal que todo o filho eterno solicita o embale: *Dorme, menino, dorme, dorme, dorme, dorme*.

Agora entende-se talvez melhor a radical disparidade, funda razão de ser do que nos une. E talvez possa desculpar-me quando, *para tão longo afecto*, parece haver tão pouco colo disponível. Mas deixe-me contar umas coisas antigas. Sem qualquer veleidade de começar pelo princípio. A nossa história é sempre tão comprida que contá-la seria escrito de outro porte. Vou apenas falar durante algumas folhas – e prometo que tento encher a folha mesmo até ao fim.

A nossa amizade nasceu de uma admiração com reservas. Da sua parte? Não, claro que não, nem quero imaginá-la! O seu providencialíssimo silêncio assegurava-me a coragem para continuar. Por favor, não diga nada. No paradigma histórico que lhe foi proposto, os versos conversavam-se tão-só com os amigos. Agora é o tempo da posteridade. Não seja tão irónico no seu primeiro olhar... Claro que neste *último século antes do Homem* ainda se escreveu *As mulheres são visceralmente burras*, acompanhando, aliás, versos como *Os homens são visceralmente sacanas*. Mas, acabado esse tão longo e encardido rol de lavandaria, Sena envolveu, com um profundo olhar de compaixão, os seres humanos do tempo até então e de depois: *Nunca vos falarão como a fibros, nunca vos pagaram como a bomens, nunca vos trataram como a anjos*. Apetece-lhe responder a quem assim deixou pousar esta *bola de lama* em sua mão, como quem a transmuta em pedreira pepita? Então, por favor diga: *Sede de imensa luz como a*

dos para-raios. Sena responderia Um só poema basta para atingir a terra. Sempre me pareceu que acabariam por tornar-se amigos.

Estava a tentar dizer como a nossa amizade nasceu de uma

admiração com reservas, da minha parte que já vimos modesta. Ri-se com manifesta incredulidade da minha temerária confissão? A sua curiosidade mais-que-trônica concede-me, pelo que vejo, mais uns momentos de atenção. Muito bem, vou direita às reservas. Antes de

mais, o seu cultivo dos mitos de inspiração ingênua, justada, narcísica, egolátrica, grandjeando-lhe uma pleiade de admiradores respeitáveis, justadas, santíssimos, produtores de santos, de voz quebrada por um fervor sincero mas como que envolvido, num certo nevoeiro quase autista, o longo sono de cem anos que o Poeta, com seus mitos, sibilinamente decidiu dormir.

Curei-me assim dessa distância: mergulhei a pés juntos num espólio generoso, dividido, softivelmente divulgado e sem catalogação que ajudasse. Vi quase tudo com o olhar aberto de quem quase não sabe e pouco lembra o que ficou para trás. Vivi a sós com os seus papéis, como se os horários dos reservados fossem o único relógio do mundo. Veio o conhecimento, depois a simpatia, a seguir o convívio. Identifiquei as pequenas coisas, os gestos mentais e os gestos da escrita, o traçado da letra, os papéis de carta sucessivos, os cartões de visita. Quase adoeci com as anotações da febre, dos médicos que auscultaram Antó, das cartas timbradas dos sanatórios das montanhas, da compulsão da escrita até ao grafismo – por doença, exaustão e, sobretudo, *tédio, tédio, tédio e nada mais*. Sai do vórtice desse Novembro eterno pelo deslumbramento. Depois do conhecimento e do convívio comovido, encontrei a frequentação teimosa e insistente de quem quer entender. Entrei no seu atelier sem chave própria – apenas com a chave virtual que, momento a momento, se constrói, a chave mestra nunca definida da relação com o que se ama até que os neurónios fiquem quimicamente saturados

Sai-se sempre desse êxtase quando se escreve sobre ele, limitados ainda a falar de fragmentos, a existir com limites, a usar uma língua afastada da origem única do entendimento universal. Sai sempre que escrevi sobre si e mais ainda quando não o fiz, ficando e desfilando outros noveles no colo cada vez mais abrangente. Mas é ainda lá que continuo deslumbrada, que fundo o olhar sobre toda a escrita da terra, que atreço a lupa com que descubro, no fragmento, o todo, e na diferença, a idêntica, recorrente, saturada busca da perfeição pressentida. Da forma tornada possível que, instaurando sobre qualquer objecto nomeado (seja ele o mais extenso rol decadentista da dor do mundo servida como néctar – e era esta, já se vê, a segunda reserva inicial), a cósmica harmonia da música do verso. O que lhe devo são os seus versos mas, muito mais do que os seus versos, um entendimento que se fez lugar. De raiz e de copa formada, de silêncio e conhecimento partilhado, de singularidade e de recorte universal. Desse lugar me oriento para outras escritas, de outros poetas que, felizmente, tenho contado como amigos. Como de modo progressivo o

desse alimento procurado e, na contemplação, os cristais desse mel se formem, as evidências se insturem, as certezas se decantem e *chama a si mesmo se alimante*. Liberta do peso da carga supérflua, foi com deslumbramento inenarrável que vi acontecer o poema, *a luz por dentro*. Modestamente, seguidamente, do carvão ao cristal, por fim a chama, ainda que aqui e ali de altura irregular. Dissipado o nevoeiro dos mitos, tão adequadamente protector da mais secreta busca, a verdade da produção poética abre-se nítida e solar, indesmentível, desarmada, pura. Descubri-lhe reservas onde eu também as tinha, continentes ardendo de baixo de savanas, e a *moralidade* íntima e nada escritas do último caderno eram a tentativa escrita em um verso e tanto de fazer emergir um soneto foi, queria agora dizer-lhe, dos mais solares da minha vida. *Era uma casa – como direi? – absoluta*.

Antonio, *Arcady, meu irmão, amigo*, olhando a poesia do mundo, e ainda, silenciosamente, desse lugar que nos legou, que desvendei, que a contemplo. *Ato, desato e ato o mesmo lago*. Agora abro o regaço e não vejo aparecer nem pão nem rosas. O que venho trazer é gratidão. Não falo do agradecimento preciso, limitado, reversível na sua reciprocidade exigua de favor trocado. Divisor de afectos, a

claridade certa de que *a morte não nos pertence*.
os *ombros*. Cumpre agora afastar *a rosa impura da tristeza* com a o colo nunca se divide mas se multiplica. Mas *rosa a rosa murcharão* a cerca do teu sopro». Foi nos livros de Daniel Faria que aprendi que «Tomou da haste a flor da minha infância alada»: «Abriu-se em ferida manhas». Vou citar outro de que gosto muito (quase tanto como do seu a descida inevitavelmente se adivinha: «Sobre este dia precipitem as era um daqueles primeiros versos perfeíssimos a seguir aos quais Repare apenas neste «lixo» que, em última campanha deitou fora e após, deixando, entre outras coisas, um livro quase pronto, que revi. puxasse a manga do casaco que vestia. Faleceu muito jovem, um ano pedindo-me que, rigorosamente, implacavelmente, afectuosamente, apareceu-me com a surpresa de dois livros belíssimos, para editar, de primeira água. Um dia estive e, três anos depois, Daniel Faria Nunca pensei, quando dizia isto, estar a falar para um poeta

deuses? Olhe que ainda por cima vão cita-lo...».
não pode acabar assim? Que está tão abaixo dos versos dados pelos por favor não acabe assim a *Lusitânia no Bairro Latino!* Não vê que puxado de leve a manga da sobrecasaca e pedir: «O António Nobre, me compensarei de não ter podido chegar ao pé de Nobre, ter-lhe de coisa concreta e acabada, dei comigo a dizer-lhes: «Meninos, nunca (agora da idade dos meus filhos) a abrir um verso, na sua perfeição do tempo, à medida que o colo crescia e habitava os meus alunos *esquinas do Planeta*, e, uma vez ou outra, em orações. Com o passar fui também a si considerando, incluindo-o em tantas referências, tantas

separar com muros o eu e o não-eu, atento a cobrar dívidas e, como tal, *habitus* do orgulho, da radical separação, do delírio da posse, do ciúme. O sentimento de que falo é outro. Na horizontal desdobra, ilimitadamente, a entressonhada projecção do vértice. Cada parte reflecte a outra parte gêmea, em cada uma ecoam as outras do cosmos. *Aqui a unidade não se divide. Aqui a unidade é.*

Começa o tempo onde se une a vida à nossa gratidão.

Vera Vouga

P.S. *Ultima hora.* Antonio. *Reli. Perdi muito entusiasmo.* Não sei o que acho do que escrevi. Calcetei as palavras com a memória das suas e de Alvaro de Campos, Camões, Jorge de Sena, Roland Barthes, Plató, Daniel Faria, Camões, Herberto Helder, Albano Martins, Ildáσιο Tavares e Almada Negreiros. Mesmo assim, temo seja ridículo. Se a única garantia que tenho é não receber nunca a carta que acabasse com *Abrigo-te, Antonio*, garantirei por mim que o que escrevi jamais passará de rascunho. V. V.

* Publicado na revista *Correios em Directo*, n.º 8, 4.º trimestre de 2000, Lisboa, CTI, pp. 23-25.

Desde que lhe escrevi aquela carta, em 28 de Agosto, para a revista *Anto*, com a garantia de que não receberia de si a resposta terminando com o conhecido, carinhoso, quase certo *Abraço-te, António* que perdi o medo de escrever-lhe. Nela contei algumas coisas que queria muito dizer-lhe, coisas velhas, amigas, de muitos anos. Disse. Prometi

António,

A esqúina do Planeta

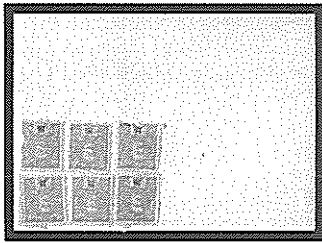
Porto 2000, Sábado, 18.XI.2000

À memória de meu tio Júlio Vouga, que consagrou a sua vida de trabalho ao dedicadíssimo serviço nos CTI, como à de todos os que, anonimamente, asseguraram e asseguram a chegada da informação a nossa casa.

À ESQÜINA DO PLANETA.

depois, no P.S., que o que tinha escrito jamais passaria de rascunho, provisório e esquisso de uma perfecção por mim nunca atingida e só a esse título eventualmente publicável.

Por ser verdade ainda o reafirmo agora, no momento em que começo um novo esquisso para meter num envelope aéreo, a enviar para o espaço, à esquina do universo. Que me autoriza a isso? A existência dos selos. Ter há pouco encontrado, no lote 475 do seu espólio, só agora catalogado, seis estampilhas intactas, conservadas na sua carteira ([Selos de Correio]/ Correios, Portugal, Continente – [1889-1900] – 6 espécies; 3x3 cm; com retrato de D. Carlos – selos de 25 réis). Sempre tinham estado lá, na Biblioteca, como um pequeno orvalho



enigmático, discretamente iguais, discretamente disponíveis para quem as tocasse, para quem as quisesse usar. Eu tinha-as visto há anos, sem contudo entender que pudessem ser a mais secreta e risonha prova de que nem todas as cartas que se começam se acabam, de que nem todas as cartas se mandam. Isso que conclui, atravessando o vórtice da dúvida, com as três cartas suas a Alberto de Oliveira que, sem alguma vez terem sido enviadas, tocaram, virgens de cem anos, os meus olhos, depois, por minha mão, os dos leitores do volume da *Colóquio* «Memória de António Nobre», as estampilhas por usar, guardadas desde a época da mais antiga das três cartas, sibillamente mostravam sem que, na época, eu tivesse podido entendê-lo. Duas por carta (por hipótese), mostravam o destino guardado das três cartas escritas, na verdade por expedir. Só agora o entendo.

Como entendo também que o seu sentido não acaba aí. O seu não-uso permite o pleno uso. É um convite para que alguém lhe escreva um qualquer dia – hoje. Da sua parte o tomo e me artisco a cumprilo. Seguir-se-á ainda, talvez, uma outra carta, se me sobrare, como creio, as estampilhas. Se achar indesejável, por favor faça-me saber.

Antônio, sabe? Não era assim que queria começar. Queria dizer: Antônio, acorde, já passaram cem anos! Que importa o resto, a comemoração? Este é o tempo perfeito das histórias de fadas em que o herói pode acordar, já maturado e pronto para viver, reanimando o mundo que entre parênteses deixara, também com ele, adormecido. Antônio, *tem razão*, vinha cedo, *desculpe*. Tantas vezes fez no seu livro ecoar a resposta a *Bairro Latino!* *dorme um pouco / Faze, meu Deus, por sossegar!* em termos tocantísimos de singularidade universal:

– *Vá, dorme, que vens cansadinho.*
– *Adormecei-me nessa voz... cantai!*
– *Dorme o teu sono na última esperança*
Eterna como os séculos e as flores,
Pra todo o sempre, minha flor! Descansa...
– *Ai quem me dera entrar nesse convento*
Que há além da Morte e que se chama A Paz!
– *Dorme, mentino! Dorme, dorme, dorme!*
.....
Dorme, criança! Dorme, sossegada,
.....
Dorme, meu anjo! (A noite é tão comprida)
.....
Dorme, meu filho, cheto de sossego,
–
Ab, deixa-me dormir, dormir!

Anto, sim, *tens razão*, vinha cedo, *desculpa*. Ninguém podia sobrepor-se ao final deste Livro, onde Deus diz, por fim, *Dorme*, *dorme*. Bem o sei, bem o sei. Mas talvez todo o tempo possa ser tempo de despertar. De despertar em qualquer plano, *semeando estrelas e plantando luas*; de projectar sobre o céu e a terra *sede de imensa luz como a dos para-raios*. Espiritualmente, despertar para o tempo novo que desponta e a que já foi chamado o sagrado século XXI. Volto a evocar o que escreveu Herberto: «Começa o tempo onde se une a vida à nossa gratidão». Como? Pois claro! Eu sei que sempre a revei De Aninhas da Eira aos carreirinhos das formigas, o *Só* não fala de uma *bola de lama* mas de uma bola de ouro que a palavra solar tece de júbilo. É o *livro mais grato que há em Portugal*. Sim, sim, aprovo que agradeça aos CTT toda a cadeia de mãos humanas que iluminou as nossas caixas do correio. Que agradeça também a todas as cadeias do e-mail o correio electrónico que dispensa estampilhas, o *facteur* de terras de França, o carreiro de Pablo Neruda ou de Pessoa, mas nunca a gratidão pela mente que concede e pela mão que assegura. Eu sei: a gratidão e o júbilo são a essência do esplendor do verso e sempre os praticou, igualável mestre.

Tentugal todo a rir de casas brancas!
Bois a pastar ao sol, aves dizendo missa
À natureza e o sol a semear justiça!
(Isto – tu sabes? Faz vontade de cantar)
Mimbas visões! Entra, entra, não tenhais medo!
Pela janela desse mundo amplo e rasgado!
Que belo dia! O sol, obrigado, obrigado!
Paisagem outonal, alegria-te também!
Hoje, não quero ver ninguém triste, ninguém!

Há cem anos guardadas no livro mais mito que há em Portugal, sonham imagens de pura alegria onde se forma um mundo novo, dicionário magnífico de cores.

Que vista admirável! Que lindo! Que lindo!

– *Mas qual a vila, qual a aldeia, qual a serra*

Que este Palácio da ventura encerra?

– *O Espírito, a Nuvem, a Sombra, a Quimera!*

E o primeiro homem, deslumbrado dirá:

– *Que grande é o mundo! E eu sou! Que ventura tamanha!*
Ninguém! Meu pai é o céu. Minha mãe é a montanha.

Que diz, António? Não foi bem assim que escreveu? Foi, foi, deve estar tudo num qualquer futuro manuscrito que já vi. *Adens, eu parto, mas volto, breve (...)* *Adens!* Os ventos são meigas brisas/ *E brilha a lua como um farol! Que vista admirável! Que lindo! Que lindo!* *O soli O soli O soli* (*As lavandiscas noivas, piando, piando!*) *Adens, tão longe, tão longe a terra! Adens. Adens. Adens.*

Fecho o envelope ideal.

Regresso a este século só com o meu coração.

Vera Vouga

P.S. Todo o itálico é citação, evocada por montagem, do *Só de António Nobre*.

* Publicado em *De Almeida Garrett a António Nobre – Actas do Colóquio*, Maia, Câmara Municipal da Maia – Pelouro da Cultura, 2001, pp. 35-72.

Antonio,
Hesitei muito, sabe?, antes de começar esta terceira carta. Claro que, desde aquela primeiríssima carta, de Agosto, em que contava tão longas e sentidas coisas, escrever-lhe era menos difícil; desde a segunda, aproveitando as estampilhas deixadas na carteira, sem uso,

Domingo, 3.XII.2000

yvougã@esoterica.pt

ou

R. Costa Cabral, 2235, 8.º Esq.º
4200 – 230 Porto Portugal

À memória de Augusto Nobre
e de Alberto de Serpa

BOHEMIA NOSSA.

por cem anos, escrever-lhe tinha-se tornado mais natural. E, se viessem a sobrar estampilhas, a terceira carta (para a qual tinha assunto já certo e bem alto, *top secret, top secret, vera*), adivinhava-se iminente.

Mas veja, meu amigo, no que fui *bestiar*: na preferência das *minhas duas addresses*. Não escrevi [logo] e gastei, ou antes estraguei *duas folhas de papel*. Porque queria a todo o custo (*Transforma-se o amador na coisa amada*:..) mandar-lhe, no campo branco desta *folha de papel*, o nome do país que lhe permitisse escrever «Portugal, a linda nação onde tu moras, cujo nome, aqui, não sei se por o ouvir citar e escrever, todos os dias, se me afigura caligrafado e em som, cheio de ar, tom, alegre, elegante. Olha aquele t: – não te parece, tal qual, o Toy? E só hoje lhe escrevo! E que a segunda *adresse* é mais rápida e já nem necessita de estampilha. Enfim, embora apenas por sínodoque, lá tem o *Portugal* como *pt*. Com o *t* presente, talvez lhe sirva. Por favor, peço-lhe que escolha.

Vamos então ao tal assunto *top secretissimo*, pode ser? Olhe, deixo de parte todas as cerimónias e hoje lanço-me, sem excesso de zelo pela sua intocável genialidade, numa carta imprescindível e directa, mesmo que *mal sintaxada*. Não estranhe o António que, por contraste com o que já fiz, me apoie, desta vez, em palavras de cartas suas e não, basicamente, em versos seus. Uma *palestra* por e-mail, *beem? Perguntas e respostas* (...). *Olhe que isto é a sério*. Lembro-lhe o que sabidamente escreveu ao seu amigo Alfredo de Campos: «Neste ponto sinto-me embaraçado para te dizer o que há-de fazer. Não sei. Entendo que o melhor é conversar com as raparigas (...) porque elas são necessárias para ajudar a completar a educação dum homem. Um homem que nunca fale a mulheres é um animal. Falta-lhe um quê, um tique que só elas nos podem dar. Talvez elas não te aturem, porque tendo notado nas poucas raparigas que conheço em Leça, que elas quando estão comigo ficam caladas e só eu é que falo. Dai o que

resultar? É que eu fico calado também. Talvez elas digam consigo que eu não sei conversar. Enganam-se se tal dizem porque as de Lisboa e do Porto gostam de mim.»

Julgo que muitas. Mas vamos ao assunto (*Organi Organ!*). O meu amigo Paulo Francheti, da Universidade de Campinas, enviou-me um conjunto de folhas que adquiriu num *sebo* de S. Paulo, com o maior sigilo, para eu lhes dar a interpretação e destino que achasse melhor. Ponderou muito esta decisão mas, apesar de ser muitíssimo competente nesta área, de ter sido mesmo responsável por uma Edição Crítica, preciosa, dos poemas de Camillo Pessanha, achou que os tais papéis deveriam voltar ao Porto, onde devem ter estado longamente guardados, e passar pelas mãos de quem reeditou as revistas *Bohemnia Nova* e *Os Insuáveis*; portanto, as minhas mãos. O tal alfarrabista brasileiro (que, de momento, não quer seu nome revelado) contou que o lote fora pertença de Alberto de Serpa, a quem os portugueses tanto devem, mas, antes de a Biblioteca Municipal do Porto ter adquirido o seu acervo, tinha sido levado para o Brasil, razão por que não tinha nunca sido visto ou inventariado por aqui.

A base deste lote é uma lista manuscrita, de punho não identificado. Intitula-se *Bohemnia Nossa* e consiste numa lista de poemas [a publicar?] de quatro autores, a saber, Camillo Pessanha, Eugénio de Castro, Francisco Bastos, António Nobre. Os poemas aparecem indicados pelo primeiro verso e pelo título, caso o possuam. O papel é exactamente o mesmo de algumas listas, de pequeno formato, feitas por si, hoje devidamente inventariadas e descritas no catálogo do seu espólio. Alguém, para melhor entender e dar corpo à improvável e enigmática *Taboa*, fez rigorosa cópia, a partir das edições fáveis, do lote, relativamente recente, como que preparando o seu melhor entendimento e eventual edição.

Com o coração a bater muito depressa, li a surpreendentíssima lista e, depois, a sua concretização, nos textos rigorosamente copiados, por não discreta e cúmplice, que no final transcrevo. Seria a lista autêntica? Como juntar no mesmo espaço textual os nomes que separara? *Bohemia Nossa*, 1 de Janeiro de 1890, era decerto o primeiro número, talvez único, porque a continuação se faria pela diversidade de linguagens, definitivamente em livro, de uma revista de conversância, radicalmente ecuménica, na poesia portuguesa. Fechando a era da guerrilha dos diabinhos de cartola, da crítica pessoal, da piada, do chiste, inauguraria, na nova década, a era de regência da música. O projecto, ainda por rever, formava um todo. Dele Pessanha creio que não diria o célebre, implacável «*Consta de tentativas*», ainda que cada autor não tivesse, aqui, atingido o seu ponto mais alto. Porque nessa época, para formar um texto que, no seu todo, superasse a soma das partes, vibrando em harmonia, o nome mais recondito da *Bohemia Nossa* seria, como foi *Orpheu 3*, um texto reservado para o futuro ler. Nova *Bohemia* inteiramente *Nossa*, no virar de um milénio de inadiável paz. Onde o leitor contemporâneo encontrará, sob a linguagem de cada autor e sua tessitura epocal, a grande linha do horizonte por onde a paz pode esboçar-se porque se traça com as prodígias tintas do amor – a larga escala que harmoniza o tom mais sensual, o mais tépido, o mais espontâneo, o mais motivo literário, o mais solar, o mais nocturno, o mais intransfervel, o mais difusamente cósmico, o mais alacre, o mais sentido, o mais sombrio, o único e o todo. E o todo é cosmos, o todo é harmonia, o todo é júbilo. *Bohemia Nossa* inteiramente nossa.

Vejá, António, eu não tenho a *neurose da página*. Quando acabar de expor (já falta pouco), despeço-me, prometo. Já sei que já pensou: mas que tenho eu a ver com isto? Tem tudo a ver, repare. Antes de mais,

Como, que diz? Verificar as datas? Sim, sim, está tudo certo, por aí. Porque não entra o Alberto? A razão é só esta: os seus leitores, António, há muito consagraram de Alberto, como um mito, as tantas páginas postais que se perderam. Para sempre virtuais, seguras, intocáveis, perfeitas. Mas diga, o que faço com a sua dupla colaboração? Ah, boa ideia, este número mítico de *Bohemia Nossa* deve ser duplo. Espera-se a restante colaboração e fica assegurada a totalidade da sua. Esta revista será talvez uma imagem da outra, universal, por si sonhada, que refere a António de Figueiredo como o Impica. Para vê-la sair, não bastariam, creio, os *mais alguns anos* que a sua *particular curiosidade* lhe indicava se demorasse neste planeta. *Qualquer dia* [o António] *jura-nos que há alma, que há outra vida além desta, onde se é mais feliz e onde diminuirá bastante a nossa ansia imensa de Felicidade (...).* Ora diga: *para que serve trabalhar intelectualmente e fazer sacrifícios enormes de todo o género, com os maiores sofrimentos, se tudo isso*

a bater tanto...

Critica dos seus *Primeiros Versos*. Mas, para já, ainda tenho o coração factu houver a permissão dos deuses, poderá ficar pronta a Edição de Portugal. O resto, hei-de pensar, espero, então, quando de Que, por exemplo, usou o adjetivo «*amigo*» como nenhum poeta em aparece em duas versões diferentes. O que é que eu penso disso? grupos, tal e qual. Mas como, tal e qual? O poema «*Elleni! Meu céu!*» seu génio! O que desejo, o que desejo, realmente? Transcrever os dois desarmante e sabedora ingenuidade! Mas que trabalhos nos legou o tempo, na sua poética mais incipiente e irregular, é tão fresco, de tão muito homogêneo e pacífico. O primeiro, globalmente anterior no O segundo, o que começa com o poema «*Os rios*», é realmente bom, está muito claro, mas, no seu caso, não. Que grupo deveria escolher? conjuntos de textos separados por «ou». Com os outros autores, tudo ajuda. E que, com a indicação do seu nome, aparecem – repare – dois por mim, pelos leitores, vou já agradecer. Para logo solicitar a sua

não fosse aproveitador? E a vida é tão curta! E as nossas amizades da Terra todas elas acabariam? Impossível.

Mande, por favor, dizer o que acha, senhor *Engenheiro de Ideais* e *plantador do verso a haver*.

Abraça-o a sua amiga,

Vera Vouga

P.S. Acabo de receber correio enviado por anobre@galactica.universo.sansblague, Antonio. Nada escrito! Só traz pois pequenos anexos em forma de P.S. Não quero desgostá-lo, mas não é assim muito original. O Alberto Pimenta, por exemplo, já publicou um texto só com pontuação e notas de rodapé. *Abro o envelope ideal: «Não há ninguém que faça melhor uma carta do que uma rapariga (...). Dizes que não és poetisa. Felizmente. Deus me livrara de tal. As raparigas não devem preocupar-se com versos: não devem bordar palavrões, mas sim bordar costura (...). Não posso ver as literais». O.K., se isso o faz contente, se calhar tem razão. Nem tentarei contradizê-lo com outras conhecidas frases suas. Lembrou-me apenas que sobrevivi, tão bem que até o citei, ao «anógrafo» do Vasco Graça Moura, com aquela passagem das «jovens universitárias cheias de gás». Estou pronta para esta sua *doucha* de ironia.*

No segundo anexo manda o «Bilhete»?: «*Não acredites, flor! No que disser o poeta: / A sua alma é vil, enganadora, abjecta! / Quando ele abraça a musa e beija a amada lira / Ah! Faz somente vibrar as cordas da mentira! / Diz que te adora? É falso! Oh, não te fies nele! / Evita o seu sorriso, o seu olhar repele! / E os bilhetes de amor que algum te enviasse*

*outrora/ Arremessa-os sem dó pela janela fora./ Que o poeta se fala,
às vezes, em amor./ Não é porque ame: é só questão de rima em or...».
Pelo que vejo, quando um dia começar a mandar-me os atrasados,
artisco-me a entrar para os santos da sua devoção. Mas terei cautela,
não me faça mal, que é o risco mais alto que há em Portugal!*

BOHEMIA NOSSA

Taboa:

Camilo Pessanha

Desejos – *Se medito no gozo que promette*

Crepuscular – *Há no ambiente um murmúrio de queixume*

? – *Não sei se isto é amor. Procuvo o teu olhar*

Estátua – *Cançei-me de tentar o teu segredo*

Eugenio de Castro

Pelo *Pere-Lachaise* ando *passseando*, *errando*

Seis de setembro, sexta-feira. A minha Amada

Tua frieza augmenta o meu desejo

Avei triqueira desdenhosa e triste

Francisco Bastos

A Flor – *Numa tarde eu pedi-lhe um beijo a medo*

Profanação – *Aos domingos, na igreja, o teu olhar*

Versos sinceros – *Quando me vres triste e pensativo em meio*
 Sensualismo – *Quando o sangue circula pressuroso*
 Harmonia do crepusculo – *Vou-me afundando musculo por musculo*

Antonio Nobre

Ingleza – *Chama-se Ellen. Nasceu na Gran Bretanha, e diz-se*
 Cheia de Graça – *Não sei que sinto n'alma, quando avisto*
 Ave-Maria – *Ave, Maria das dôres!*
 Tomber du ciel – *Tres da manban. Não me deitei ainda,*
 Alem-Soll – *Meu luari meu ceu! meu norte! meu abrigo!*
 Ellen! meu ceu! meu norte! meu abrigo!

ou

Os rios – *Os rios tem cantigas de ceifeiras*
 Entero de Ophelia – *Morreu. Vae a dormir, vae a sonbar...*
 Deixal-a!
 Srª Iria – *N'um rio virginal d'agoas claras e mansas*
 Iamos sós pela floresta amiga
 Nasceu a Lua. No convento, agora
 Bem sei que o nosso amor é uma chymera

NOTA AO LEITOR

O ano passado, quando acabava de publicar uma edição fac-similada de *Bohemia Nova* e *Os Insuabmissos*, as célebres revistas que em Coimbra, no ano de 1889, firmaram os grupos liderados por Antônio Nobre e Eugênio de Castro, fui convidada a apresentar na Maia uma comunicação sobre esse tema. Solicitaram-me, mais tarde, um texto escrito. Como de modo algum encarava repetir o que acabava de publicar no prefácio, ocorreu-me a hipótese de produzir uma ficção. A sua base assenta no rigor de qualquer ensaio onde se desdobre a onda do raciocínio produzido com júbilo e da paixão longamente aferida; a forma epistolar decorre de outras duas cartas que o ano do centenário, no tempo que mediu, viu surgir. O resto, como o leitor arguto há muito já terá intuído, é pura e carinhosa ficção calcetada com muita citação, em itálico, do texto de Nobre, poema ou, sobretudo, carta. A reconstrução dos poemas ficcionalmente possíveis faz-se a partir das seguintes edições:

Camillo Pessanha, *Clepsydra*, Edição crítica de Paulo Franchetti, Campinas, Unicamp, 1994.

Eugênio de Castro, *Oarristos*, Coimbra, Livraria Portuguesa e Estrangeira, 1890.

Francisco Bastos, *Versos*, Typografia da *Aurora do Cavado*, 1898.

Antônio Nobre, *Primeiros Versos*, Porto, 1921; 56, Paris, Vanier, 1892, exemplar com correções autógrafas, Biblioteca Municipal do Porto, MA - Antônio Nobre - I - I [c]-2

DESEJOS

Se medito no gozo que promete
A sua bocca fresca e pequenina
E o seio mergulhado em renda fina,
Sob a curva ligeira do corpete,

Desejo, nun's transportes de gigante,
Estreita-a de rijo entre meus braços,
Até quasi esmagar n'estes abraços
A sua carne branca e palpitante;

Como, d'Asia nos bosques tropicaes,
Apertam em spiral auri-luzente,
Os musculos herculeos da serpente
Aos troncos das palmeiras collossaes...

E como ao depois, quando o canção
A sepulta na morna lethargia,
Dormitando repousa todo o dia
A sombra da palmeira o corpo lasso;

Eu quizera tambem, adormecido,
Dos phantasmas da febre ver o mar,
Mas sempre sob o azul do seu olhar,
Envolto no calor do seu vestido;

Como os ebríos chinezes delirantes
Aspiram, já dormindo, o fumo quieto
Que o seu longo cachimbo predilecto
No ambiente espalhava pouco antes...

CRBPUSCULAR

Ha no ambiente um murmúrio de queixume,
De desejos d'amor, d'ais comprimidos...
Uma ternura esparsa de balidos
Sente-se esmorecer como um perfume.

As madre-silvas murcham nos silvados
E o aroma que exhalam pelo espaço
Tem deliquios de goso e de canção,
Nervosos, femininos, delicados.

Sentem-se spasmos, agonias d'ave,
Inapreheñsiveis, mínimas, serenas...

Tenho entre as mãos as tuas mãos pequenas,
O meu olhar no teu olhar suave.

As tuas mãos tão brancas d'anemia,
Os teus olhos tão meigos de tristeza...
E este enlanguecer da natureza,
Este vago soffrer do fim do dia.

Não sei se isto é amor. Procuro o teu olhar,
Se alguma dor me fere, em busca d'um abrigo;
E apezar d'isso, crês? nunca pensei n'um lar
Onde fosses feliz, e eu feliz contigo.

Por ti nunca chorei nenhum ideal desteio.
E nunca te escrevi nenhuns versos românticos.
Nem depois de acordar te procurei no leito,
Como a esposa sensual do *Cantico dos canticos*.

Se é amar-te não sei. Não sei se te idealiso
A tua cor sadia, o teu sorriso terno...
Mas sinto-me sorrir de vêr esse sorriso
Que me penetra bem, como este sol de inverno.

Passo contigo a tarde, e sempre sem receio
Da luz crepuscular, que enerva, que provoca.
Eu não demoro o olhar na curva do teu seio
Nem me lembrei jámais de te beijar na bocca.

Eu não sei se é amor. Será talvez começo.
Eu não sei que mudança a minha alma presente...
Amor não sei se o é, mas sei que te estremeço,
Que adoecia talvez de te saber doente.

?*

ESTATUA

Cancei-me de tentar o teu segredo:
No teu olhar sem còr, — frio escarpello, —
O meu olhar quebrei, a debatel-o,
Como a onda na crista d'um rochedo.
Segredo d'essa alma, e meu degredo
E minha obcessão! Para bebel-o,
Fui teu labio oscular, n'um pesadelo,
Por noites de pavor, cheio de medo.
E o meu osculo ardente, hallucinado,
Esfrizou sobre o marmore correcto
D'esse entrecaberto labio gelado...
D'esse labio de marmore, discreto,
Severo como um tumulo fechado,
Serenos como um pelago quieto.

Pelo Pere-Lachaise ando passeando, errando...
Como no espirito as ideias, vae um bando
De folhas mortas, amarellas, pela rua...
Sedosa a luz do sol, sedosa, se atenua,
E seus raios subtis, cabellos loiros, pallidos,
Doiram ao longe o auroco domo dos Invalidos.
Em que estaras pensando agora, minha Amada?
Passa um enterro: é uma creanga. Amargurada
Vae atraz do caixão a mãe. Se houvesse ceu!
Páro um instante a examinar um mausoleu.
Do nevoeiro desce a musselina clara.
A tua idiosyncracia é extranha e rara:
Adoro e admiro, Flor, teus requintados gostos.
Como são autunnaes aqui estes agostos!
Ah! o sol portuguez! Scismando, passo ao pé
Do tumulto onde dorme Alfredo de Musset:
Pende um fresco choroão sobre o sepulchro branco;
Ao piedoso choroão, em pranto verde, arranco
Uma virida folha e ponho-a na botocira.
Diademada com botões de laranjeira

Vejo-te em sonhos, virginal p'lo braço d'outro...
Meu espirito, assim como um indomavel pótro,
Galopa na planície infinita do sonho.
Sem Ti o meu viver é frígido e tristionho.
O! azigo onde está Balzac. Humida e fria
A cambraia brumal cerra-se. Hei-de tr um dia
Visitar a Montmartrre o amado Baudelaire..
Teu suggestivo olhar, o teu olhar sugere
Bellas viagens por inexploradas terras.
Belleza imperial! Illuminas e aterras!
Treme um cypreste desfolhado, quasi nu.
Se eu te morresse, Amor, que sentirias tu?
Escura-se Paris, ao longe, a respirar.
Aqui repousa Michelet. Vamos ter chuva.
Por entre os mausoleus caminho a imaginar
Como é que ficarás vestida de viva...

Paris, 30 de agosto de 1889.

Seis de setembro, sexta-feira. A minha Amada
 Vae hoje ao *Bosque*. Uma caleche armoriada
 Parou á porta. Tres da tarde. Alegremente,
 A linda Flor original veste-se em frente
 D'un largo espelho, um claro espelho de Veneza.
 A sua sata de boreal setim frambocza,
 Lava tecida, fulgurando em rubros brillos,
 Lembra uma chamma e é borrifada de vidrilhos;
 O seu casaco é de velludo, e de Bruxellas
 As rendas creme, amareladas, finas, bellas,
 Dos seus sem par pulisos subttis, illiputianos...
 Abdul Medjid, um pagem turco de dez annos,
 Moreno e com olhos que são duas cyamittas,
 Todo curvado e ajoelhado, aperta as fitas
 Dos seus sapatos ponteados, de verniz.
 Cospem faulhas os seus brincos de rubis;
 O seu bonet é de astrakan castanho-tamara...
 A minha Flor canta e sorri: e toda a camara
 Se alegra ao som d'essa voz fina de calhandra.
 No seio põe um botaõ ruivo de apbellandra,
 No lenço deita o sensual *coiro da Russia*,
 Nos hombros põe a negra capa de pellucias
 Forrada com sedosas marthas zibellinas,
 As mãos esconde em luvas longas e citrinhas.
 E é deliciosa a minha Flor de olhar augusto,
 Com esse olhar fulgindo n'um rutillo jogo,
 Erguendo os braços para pôr no fino busto
 Um fino veu de fina gaze cõr de fogo!

Paris, 6 de setembro de 1889.

X

«Un aître, plus heureux, va unir
«son sort à celui de mon aître. Mais,
«quoiqu'elle trompe ainsi mes plus
«chers espérances, dois-je la moins
«aimer?»
Mackensie.

Tua firmeza augmenta o meu desejo:
Fecho os meus olhos para te esquecer,
E quanto mais procuro não te ver,
Quanto mais fecho os olhos mais te vejo.

Humildemente, atrás de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencer,
Em quanto sinto para mim crescer
Dos teus desdems o frígido cortejo.

Sei que jamais hei-de possuir-te, sei
Que *ouvro*, feliz, ditoso como um rei,
Enlaxará teu virgem corpo em flor.

Meu coração no entanto não se cansa:
Amam metade os que amam com esp'rança,
Amar sem esp'rança é o verdadeiro amor.

Paris, 29 de setembro de 1889.

XVI

Ave! triqueira desdenhosa e triste,
Cheia de grãça e de frescor sem par,
 Bemdito seja o berço em que dormiste
 E os peitos que te deram de mamar!

Como uma chamma cerula entre brazas,
 Como uma tulipa entre malmequeres,
 Como uma torre entre pequenas casas,
Bemditas sejas tu entre as mulheres!

Corpo virgem, tu que és o meu orgulho,
 Tu que eu hei de violar um dia entre
 Beijos tão claros como um sol de julho,
Bemdito seja o fructo do teu ventre!

Doce Refugio, doce Inspiradora,
 O meu triqueiro e mystico cyclamen,
 Unge-me com teu negro Olhar, *agora*
E na hora da minha morte. Amen.

Colimbra, março de 1889.